

# Expansão do BRICS: Perspectivas e Lideranças Emergentes na Transição Energética Global

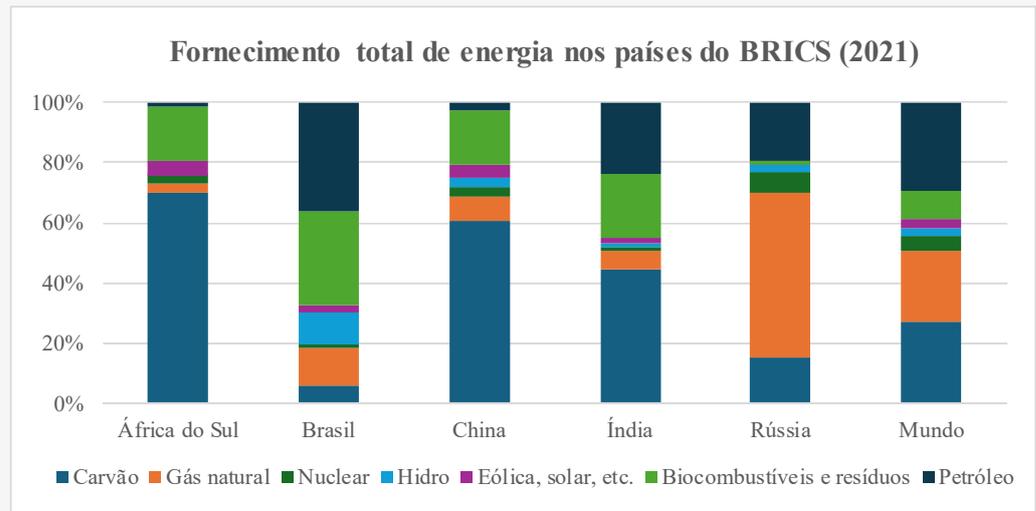
LENIRA OLIVEIRA E NATHÁLIA RABELO

**N**a Cúpula do BRICS, ocorrida na África do Sul em agosto de 2023, anunciou-se a ampliação do grupo com a adesão de seis novos países, sendo eles: Argentina, Egito, Irã, Etiópia, Arábia Saudita e Emirados Árabes Unidos. Com isso, surgem questões sobre mudanças futuras em torno de pautas políticas, econômicas e sociais, incluindo a transição energética. Destarte, a análise investigará as perspectivas de transição energética no âmbito do BRICS, de modo a questionar se ela tem potencial de ocupar um espaço de maior importância nas discussões do grupo com a sua expansão, e se o Brasil pode assumir uma posição de destaque nessas discussões.

## A matriz energética do BRICS

O setor energético vem ganhando cada vez mais relevância nas discussões tanto nacionais dos governos quanto em fóruns multilaterais, devido à percepção de que a transformação da matriz energética pode corroborar na mitigação das mudanças climáticas. A transição energética tem sido pautada nessas discussões como sendo uma série de políticas que buscam difundir a geração de energia baseada, principalmente, em fontes renováveis. Nesse contexto, o grupo político BRICS, outrora formado por Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, tem potencial de oferecer soluções significativas para a transformação da matriz energética desses países, sobretudo, por terem um peso considerável na produção e no consumo energético em escala global (Losekann; Tavares, 2020, p. 7).

Atualmente, a matriz energética dos países que formam o BRICS ainda é muito concentrada em combustíveis fósseis (como exemplifica o gráfico apresentado abaixo), no entanto, nota-se uma certa tendência dos países deste grupo em impulsionarem a transição energética para uma matriz de “baixo carbono” (ibid., 2020, p. 11), em decorrência das medidas tomadas pelos governos dos Estados que fazem parte deste grupo.



Dados da IEA (Fonte: Losekann; Tavares, 2020)

Dentre os países do BRICS, o Brasil é o que melhor lida com a questão de descarbonização e desenvolvimento de fontes energéticas sustentáveis (ibid., 2020). Por outro lado, países como a Rússia, em que os recursos fósseis ainda são muito relevantes para a economia, não existe tanto engajamento em fazer essa transição para fontes de baixo carbono. Enquanto isso, a China assume um claro protagonismo neste processo, ao buscar estabelecer políticas nacionais que priorizem energias renováveis (ibid., 2020, p. 32).

A Índia também demanda muita energia para suprir as necessidades de sua população, mas o país ainda é muito dependente de importações neste setor, e tem sua matriz energética muito baseada no carvão, assim como a China e a África do Sul. No entanto, nota-se uma preocupação em avançar com a transição energética do país, como é evidenciado no 12º plano quinquenal e na Agenda de Ação Triannual, em que o governo indiano estabeleceu diretrizes para o setor energético (ibid., 2020, p. 37).

Já a África do Sul é o país do grupo que enfrenta um dos maiores desafios para a realização da transição de sua matriz energética para uma que seja mais sustentável, muito por conta de dificuldades econômicas e institucionais para atingir esse fim (ibid., 2020, p. 18). Dessa forma, pode-se observar que os atuais integrantes do BRICS têm fontes de energia variadas, entretanto, é de comum interesse o aumento das fontes renováveis. A questão posta é se os países do grupo vão dar maior importância ao tema da transição energética nas futuras discussões do bloco, tendo em vista estabelecer parcerias e projetos de cooperação

entre eles.

## Oportunidades e desafios da transição energética com a expansão do BRICS

Com a entrada dos novos membros, a partir de janeiro de 2024, o BRICS passará a englobar quase metade da produção de petróleo mundial (Chiappini, 2023). Mesmo assim, o bloco tem o potencial de alavancar as discussões sobre transição energética, haja visto que ele irá incluir parceiros importantes no que diz respeito à produção de energias renováveis, como o hidrogênio verde e minerais críticos, sobretudo, as terras raras.

De acordo com um levantamento feito pela plataforma Statista, a China, a Índia e o Brasil estavam entre os cinco maiores investidores em energia renovável no ano de 2019, enquanto os Emirados Árabes Unidos aparecia na 10ª colocação (Investment..., 2020).

Em relação ao mercado de hidrogênio verde, o Brasil se apresenta como um país que tem potencial de oferecer um dos melhores do mercado em termos de custo-benefício, enquanto países como China, Índia, Egito, Emirados Árabes, Arábia Saudita, Etiópia e África do Sul estão estabelecendo metas ambiciosas para a produção de hidrogênio de baixo carbono (Chiappini, 2023). Além disso, os biocombustíveis também entram em pauta, já que a Índia e o Brasil se colocam como alguns dos maiores produtores de combustíveis de aviação sustentáveis (SAF, na sigla em inglês).

Segundo o Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais (CSIS, sigla em inglês), com a ascensão de novos membros ao BRICS, o grupo passaria a deter 72% de terras raras (e três dos cinco países com as maiores reservas), 75% do manganês mundial, 50% do grafite mundial, 28% do níquel mundial e 10% do cobre mundial – excluindo as reservas do Irã (Baskaran; Cahill, 2023).

Nesse contexto, nota-se um grande potencial que se abre com a expansão do grupo no que diz respeito à agenda de transição energética. O Novo Banco de Desenvolvimento (NBD), também pode contribuir nesse sentido, principalmente ao prover financiamento a projetos de países do bloco que promovam o uso de recursos

energéticos renováveis. Mas ainda se faz necessário refletir sobre alguns desafios relacionados a este processo de transição energética no âmbito do BRICS.

Um dos principais desafios para a harmonização de metas e políticas dentro do BRICS é a diferença de recursos e necessidades energéticas de cada país. Ocorre que muitos têm diferentes recursos energéticos em abundância em seu território, como é o caso do petróleo e do gás natural na Rússia e em países do Oriente Médio como o Irã, a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos. Então, eles precisariam desenvolver diferentes meios para utilizar seus próprios recursos de forma eficiente e limpa.

Equilibrar os diferentes setores energéticos, com atenção para os interesses internos e grupos de pressão, torna-se mais complicado com um maior número de integrantes no bloco. Existem ainda diferenças estruturais e socioeconômicas, bem como barreiras comerciais e regulatórias, e disputas geopolíticas, que impedem o desenvolvimento de uma política energética harmoniosa.

Uma das questões mais importantes para os países quando se trata de energia, é a segurança energética, ou seja, conseguir disponibilizar os serviços energéticos a todo tempo e em uma quantidade suficiente para sua população. Entretanto, alguns países no bloco têm níveis muito baixos de segurança energética, o que implica em outro desafio a ser resolvido internamente antes de se buscar desenvolver cooperação nesta área, para não correr o risco de se tornar dependente das fontes de energia estrangeiras.

No contexto do BRICS, os alinhamentos e rivalidades geopolíticas trazem desafios a todas as agendas, mas especificamente na energética isso pode criar obstáculos para o desenvolvimento técnico de inovações e compartilhamento de tecnologias. O que também pode agravar a dificuldade de conseguir financiamento e investimentos diretos em infraestrutura para produção e transmissão de energia. A exemplo disso, a China se destaca como principal investidor e credor no bloco, mas sua disputa com os Estados Unidos pode dificultar as possibilidades de cooperação com a Arábia Saudita, país alinhado à eles (Investment..., 2020).

Diante do exposto, existem diversos desafios a serem superados pelo BRICS para que consigam avançar na harmonização de políticas de transição energética. Ainda assim, o bloco oferece oportunidade para que esses países

superem esses desafios por meio do estreitamento político que pode facilitar que acordos de cooperação sejam firmados e haja, com isso, maior diálogo e alinhamento de metas relacionadas ao tema. Uma possível maneira de fazê-lo é estabelecer mecanismos de governança e cooperação, através da criação de órgão conjunto que trate do tema, incentivando e aumentando o compromisso de promover a sustentabilidade energética.

## O Brasil pode ocupar uma posição de destaque nesta agenda no âmbito do BRICS?

A matriz energética brasileira é composta por 45% de energia renovável, uma das mais limpas do mundo. Com lugar de destaque na produção e uso de biocombustíveis de cana-de-açúcar no setor de transportes – aproximadamente 20% do uso, comparado com 4% no resto do mundo – e no uso das hidrelétricas para fornecimento de energia, alcançando o marco de cerca de 64% da geração elétrica, comparado com a menos de 20% no restante do mundo (Schreiber, 2023).

O Brasil também está no ranking dos 10 países com a melhor transição energética e possui o biocombustível – feito de cana-de-açúcar – mais barato do mundo, o etanol. No setor de biocombustíveis, com destaque para a indústria do etanol, o Brasil é líder na produção de equipamentos, com um maquinário eficiente e com constantes investimentos para desenvolver e elevar a produção. Com sua experiência e proeminência na área, o país tem muito a ensinar a outros membros do grupo por meio de cooperações técnicas voltadas para o desenvolvimento de biocombustíveis.

O país possui, outrossim, as capacidades necessárias para participar da cadeia produtiva do hidrogênio com uma grande vantagem comparativa, graças ao nordeste brasileiro e sua capacidade de gerar fontes de eletricidade limpas, que podem produzir hidrogênio a partir da eletrólise da água (Teixeira et al., 2021).

Outro fator importante são as políticas públicas implementadas pelo governo, como o RenovaBio, considerado o maior programa do mundo em descarbonização da matriz de transporte, e que estabelece um mercado de créditos de descarbonização, o CBio (Brasil gera..., 2021).

Essa política, entre outras, demonstra como o Brasil tem trabalhado no setor de segurança energética, procurando desde os choques do petróleo na década de 1970, uma forma de manter o suprimento de combustíveis e de energia do País, de forma constante, segura e sustentável (Segurança Energética, 2023). Além disso, existem diversos projetos para aumentar a quantidade de biocombustíveis utilizada no setor de transportes, bem como o uso de energia solar e eólica – devido à disponibilidade de solo e à capacidade produtiva nordestina –, e produção e uso de gás natural dentre tantos outros que buscam ampliar ainda mais a matriz energética sustentável do País (Losekann; Tavares, 2020).

O conhecimento sobre esse tipo de política pode ser compartilhado por meio de cooperações técnicas e acordos entre os membros do BRICS, adequando seu funcionamento com as legislações e economias de cada país. Neste âmbito, o Brasil tem experiência, pois por meio de acordos de cooperação do governo e do setor privado brasileiro com o governo da Índia, o País ajudou os indianos a alcançarem o posto de terceiro maior produtor de biocombustíveis do mundo. De acordo com o governo brasileiro, os dois países trabalharam juntos nos níveis governamental, acadêmico, tecnológico e empresarial, contribuindo assim com o programa nacional de biocombustíveis indiano, que propõe agora adotar 20% de mistura de etanol na gasolina e fabricar automóveis flex como os brasileiros (Aliança por..., 2023).

Isso exposto, pode-se inferir que o Brasil pode utilizar seus sucessos prévios na área, seu know-how, sua capacidade de produção de equipamentos e sua gama de possibilidades em ampliar a matriz energética para alavancar a pauta da transição energética nas discussões do BRICS e, a partir disso, firmar acordos de cooperação técnica em áreas estratégicas para cada país, de modo a se projetar no cenário internacional como uma potencial liderança no que diz respeito à produção de energias renováveis.

## Considerações finais

A adesão de novos membros ao BRICS abre um leque de possibilidades de agendas para serem discutidas pelo bloco, dentre elas uma que se torna cada vez mais relevante no cenário internacional é a de transição energética. Tendo isso em vista, os países que já faziam parte do grupo e os que irão integrá-lo a partir de 2024 têm, diante deles, um

fórum multilateral que possibilita a discussão sobre este tema entre países em desenvolvimento, de forma a abrir espaço para que acordos de cooperação sejam firmados entre eles.

Existem inúmeras oportunidades e desafios que precisam ser enfrentados pelos países do BRICS para fazer avançar esta transição, mas já se nota um engajamento por parte deles neste sentido, mesmo que ainda não seja um esforço conjunto. O bloco pode corroborar para este fim, desde que as questões ligadas a agenda de transição sejam discutidas nas reuniões do grupo e sejam formuladas iniciativas conjuntas que levem em consideração as especificidades de cada país.

Tendo em vista, portanto, o potencial dos países do bloco em aumentarem o uso de energias renováveis e até mesmo liderar a corrida mundial pela transição energética, pode-se inferir que o BRICS, enquanto mecanismo internacional de cooperação, pode propiciar um maior alinhamento entre eles nas trocas de tecnologias e inovação, além de facilitar o estreitamento econômico dos países e beneficiá-los com investimentos, por meio do NBD ou por investimento estrangeiro direto. Desse modo, os países integrantes do BRICS podem utilizar esse espaço para alavancar a transição para energias limpas e renováveis nos países em desenvolvimento.

Cabe pontuar ainda que o Brasil tem muito a contribuir nessas discussões, tendo o potencial de liderar a construção de uma política de transição energética entre os países que integram o bloco. Destarte, existe neste setor uma oportunidade para que o país se projete no âmbito do BRICS e, também, internacionalmente como um líder na produção de energia renováveis.

# Referências

---

Aliança por Biocombustíveis reúne 19 países para produção sustentável. Agência Brasil, 9 set. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2023-09/alianca-por-biocombustiveis-reune-19-paises-para-producao-sustentavel>. Acesso em: 26 out. 2023.

BASKARANAND, G; CAHILL, B. Six New BRICS: Implications for Energy Trade. CSIS, 25 ago. 2023. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/six-new-brics-implications-energy-trade>. Acesso em: 27 out. 2023.

Brasil gera 45% de energia renovável e lidera transição energética no Brics. IPEA, 3 ago. 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/porta1/categorias/45-todas-as-noticias/noticias/1941-brasil-gera-45-de-energia-renovavel-e-lidera-transicao-energetica-no-brics?highlight=WyJtdWRhblx1MDBIN2EiLCJjbGltXHUwMGUxdGJjYSIsIm-1lZGFuXHUwMGU3YSBjbGltXHUwMGUxdGJjYSJd>. Acesso em: 26 out. 2023.

CHIAPPINI, G. O Brics+ e a corrida pela transição energética. EPBR, 28 ago. 2023. Disponível em: <https://epbr.com.br/o-brics-e-a-corrida-pela-transicao-energetica/>. Acesso em: 25 out. 2023.

Energy Statistics Data Browser. IEA, 21 dez. 2023. Disponível em: <https://www.iea.org/data-and-statistics/data-tools/energy-statistics-data-browser?country=WORLD&fuel=Energy%20supply&indicator=TESbySource>. Acesso em: 16 mai. 2024.

SCHREIBER, Mariana. De vira-lata a aliança global no G20: biocombustível ganha força e deve gerar negócios para Brasil. BBC, 9 set. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cg3ll7zrelgo>. Acesso em: 26 out. 2023

Investment in clean energy globally in 2019, by select country. Statista, jan. 2020. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/799098/global-clean-energy-investment-by-country/#:~:text=Chinese%20investment%20in%20clean%20energy,16.5%20billion%20U.S.%20dollars%2C%20respectively>. Acesso em: 26 out. 2023.

Lítio no Mundo. Gov.br, 2023. Disponível em: <https://www.sgb.gov.br/litio/nomundo.html>. Acesso em: 27 out. 2023.

LOSEKANN, L;TAVARES, F. Política Energética no BRICS: Desafios da Transição Energética. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2019.

BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações:

# Referências

---

Segurança Energética. MCTI, 14 ago. 2023. Disponível em: <https://adaptabrasil.mcti.gov.br/detalhes-energia>. Acesso em: 26 out. 2023.

TEIXEIRA, Cássio A. N. et al. Neutralidade de carbono: reflexões sobre estratégias e oportunidades para o Brasil. BNDES, Rio de Janeiro, v. 28, n. 56, p. 267-314, dez. 2021.